

**Sousa Lopes, A., Duarte, A. G., Cardoso, F. L., Godinho, J., Coutinho, M. C. & Mata, M. J. (2022). *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história*. Instituto Politécnico de Lisboa. 367 pp. ISBN 978-989-53678-4-9**

**Paula Lopes**

(Universidade Autónoma de Lisboa – Nip-C@m/ LabCom / OBSERVARE)

Morada postal institucional: Universidade Autónoma de Lisboa (UAL), Rua de Santa Marta, 56,  
1169-023 Lisboa

([plopes@autonoma.pt](mailto:plopes@autonoma.pt))

ORCID: [0000-0002-1318-6866](https://orcid.org/0000-0002-1318-6866)

**Paula Lopes (short bio):** É doutorada em Sociologia pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa (financiamento FCT). É Professora Associada na Universidade Autónoma de Lisboa (UAL) e subdiretora do Departamento de Ciências da Comunicação na mesma instituição. Coordenadora científica da Licenciatura em Ciências da Comunicação e do Mestrado em Comunicação Aplicada, é investigadora integrada no LabCom (Grupo de Investigação Comunicação & Media), investigadora colaboradora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (Grupo de Investigação Media e Jornalismo), investigadora associada no OBSERVARE – UAL e investigadora-coordenadora do NIP-C@M (Núcleo de Investigação em Práticas e Competências Mediáticas) – UAL.

**Submissão: 06/11/2023**

**Aceitação: 14/11/2023**

## **A imagem e as suas circunstâncias. Fragmentos de uma história (inevitavelmente) inacabada.**

**Resumo** (PT): *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história* é uma das peças basilares de um dos maiores e mais relevantes projetos de investigação na área científica das Ciências da Comunicação executados no País nos últimos anos: Para uma História do Jornalismo em Portugal, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). Esta obra de excepcional componente histórica, organizada em quatro partes (fotojornalismo; cinejornalismo e telejornalismo; informação não diária na RTP2; infografia jornalística), combina e articula técnicas de pesquisa empírica em nove capítulos cujo tom e construção narrativa refletem bem a individualidade de cada autor, sendo exemplar o cuidado e a exatidão com que são apresentados dados e factos.

*Palavras-chave:* jornalismo visual, fotojornalismo, cinejornalismo e telejornalismo, RTP2, infografia.

**Abstract** (EN): *Visual journalism in Portugal – contributions to a history* is a cornerstone of one of the largest and most relevant research projects in the field of Communication Sciences carried out in the country in recent years: Towards a History of Journalism in Portugal, funded by the Foundation for Science and Technology (FCT). This work, which has an exceptional historical component, and is organized into four parts (photojournalism; cinejournalism and telejournalism; non-daily information on RTP2; journalistic infographics), combines and articulates empirical research techniques in nine chapters, whose tone and narrative construction reflect the individuality of each author, the care and accuracy with which data and facts are presented being exemplary.

*Keywords:* visual journalism, photojournalism, cinejournalism and telejournalism, RTP2, infographics.

## **A imagem e as suas circunstâncias. Fragmentos de uma história (inevitavelmente) inacabada.**

Uma confessa debilidade é revelada logo no título do livro: aqui se encontram “contributos para uma história” da fotografia de imprensa à infografia digital, debilidade aliás assumida desde logo pelos autores na introdução:

(...) não conseguindo juntar todas as peças do *puzzle* que é a história dos *media* em Portugal, tenta contribuir para documentar que evolução tem ocorrido na linguagem jornalística de natureza visual e identificar as principais tendências de produção noticiosa com recurso à fotografia, imagem televisiva e infográfica (2022, p. 14).

Em rigor, e reconhecendo que estamos perante um extraordinário documento histórico, pautado pelo rigor e precisão factual, sublinhe-se a justeza deste grupo de seis académicos que assinam os nove capítulos que formam o livro *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história*: “o que aqui se apresentou constituiu apenas um contributo, assumidamente parcial (...), contributo esse que esperamos poder alargar e aprofundar” (2022, p. 65); “é sem dúvida necessário fazer mais investigação” (2022, p. 140). Esta assunção coletiva não fragiliza a obra: antes pelo contrário, enfatiza a possibilidade de novos recomeços e, com eles, de novas inquietações, diferentes contemplanções.

Grande parte da história do jornalismo visual em Portugal está efetivamente impressa nestas quase 400 páginas, que condensam muita e relevante informação, objetiva e comprovada, sem deixar de incitar à reflexividade e à atenção profunda. Até porque a imagem não é inócua ou inofensiva, até porque “o real não é transparente à imagem” (Gil, 2011, p. 24) e evoca “a aparência de algo ausente” (Berger, 1987, p. 14). Afinal, é também por este trilho que os autores encaminham os leitores: afirmando, por um lado, a representação visual como afirmação de sentido sobre o mundo e, por outro, relevando a importância “dos bastidores da imagem, da forma como esta é fabricada, disseminada e usufruída” (Campos & Meirinho, 2019, p. 103).

Uma nota contextual: *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história* foi realizado no âmbito do projeto Para uma História do Jornalismo em Portugal, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT-PTDC/COM-JOR/28144/2017). Reuniu mais de duas dezenas de investigadores e teve início em

outubro de 2018. A instituição proponente do projeto foi a Universidade Nova de Lisboa – FCSH / ICNova – Instituto de Comunicação da Nova.

## **1. Fotojornalismo: da ditadura militar às primeiras décadas do século XXI**

As imagens são “preciosas para os historiadores tanto pelo que escondem como pelo que revelam” (Ryan, 2014, p. 34). Maria José Mata e Manuel Carvalho Coutinho conformam, neste primeiro capítulo, um levantamento de autoria de fotografias por jornal e data (incluindo agências) e um levantamento de fotógrafos por publicação, numa pesquisa apurada, de base bibliográfica e hemerográfica, mas também na análise do discurso visual de fotografias da imprensa ilustrada na primeira década e meia do Estado Novo. A ideia de “encenação” está presente ao longo do texto: a preocupação de Joshua Benoliel quanto à fotogenia e compostura dos seus “atores” (no caso, os deputados fotografados no Parlamento); a chegada ao poder de Salazar e as limitações “do que se mostrava” e, naturalmente, de como se mostrava; a encenação da “tortura” de uma sessão fotográfica, a que Salazar é “avesso”, por exemplo. Regista-se a imagem como construção social do real, como realidade fragmentada – “ela torna-se, ao mesmo tempo, num poderoso meio de propaganda e de manipulação” (Freund, 1989, p. 107) – e, sob um regime autoritário, “como um importante testemunho de um regime visual de ocultação que diz mais do que esconde” (2022, p. 65).

Fátima Lopes Cardoso, investigadora e jornalista, ensaia, no segundo capítulo, uma história do fotojornalismo entre o 25 de abril de 1974 e as duas primeiras décadas do novo milénio. Na página 72, a autora afirma:

Estas páginas são uma tentativa de juntar as peças de um *puzzle* disperso, que se focam numa realidade que ainda está em aberto e que foi vivida e é partilhada por profissionais, muitos dos quais ainda se encontram em funções. É a história possível (...) [de um] período em que muitos factos estão por conhecer e o qual carece do distanciamento temporal e afetivo necessário para que seja uma história fechada.

Esta “história possível” revela-se nostalgia – Sontag (1986, p. 24) já afirmara que “a fotografia promove intensamente a nostalgia” –, aprisionando-a nos últimos 40 anos. Estética, excelência, diversidade de olhares e de pontos de vista, mas também liberdade, criatividade e precariedade (com o *Tal & Qual*, *O Independente* ou o *Público*, mas também o *Expresso* ou o *Diário de Notícias* como exemplos paradigmáticos) conduzem a escrita de Lopes Cardoso, que arrisca – e bem – sumariar estes anos do fotojornalismo

português desde a “tímida curva ascendente em direção ao reconhecimento (...) no pós-25 de abril” ao “pico no final dos anos 1980 e primeira metade de 1990” para, a partir de 2000,

esta linha começar a cair em pique com a perda exponencial de espaço para a publicação de narrativas e reportagens fotográficas, com o emagrecimento dos quadros de jornalistas das principais empresas de comunicação social, em especial na editoria de fotografia, vítima de forte instabilidade e precariedade laboral (pp. 110-111).

## **2. Cinejornalismo e telejornalismo: a RTP como estudo de caso**

“Aquilo que sabemos ou aquilo que julgamos afeta o modo como vemos as coisas” (Berger, 1987, p. 12). Jacinto Godinho, jornalista na RTP desde 1988 e investigador do ICNova, descreve em três capítulos o jornalismo audiovisual, a inauguração da RTP e a primeira grande reportagem televisiva, e o telejornalismo no tempo do Estado Novo (1956-1974). A informação que regista em 113 páginas (!), fruto de pesquisa no Arquivo RTP concertada com algumas entrevistas, parece comprometer de alguma forma a ‘verdade subjetiva’ de John Berger, que abriu este segundo ponto: Godinho sugere ao leitor que participe, que se questione – tal como ele o faz –, que reflita ao mesmo tempo que vai deambulando pela sua prosa. Interpela diretamente: “Até que ponto podemos falar de ‘Atualidades’ como primeiro capítulo da história do jornalismo audiovisual? Podemos considerar as ‘Atualidades’ cinematográficas uma atividade jornalística?” (2022, p. 123); ou, a propósito do telejornalismo no Estado Novo, “o que ainda hoje se mantém é a dúvida sobre a natureza dos conteúdos produzidos e noticiados pela RTP, no Telejornal do tempo do Estado Novo. Podem ser considerados jornalísticos ou são meramente propagandísticos?” (2022, p.165).

Jacinto Godinho, o investigador, toma a (in)definição de conceitos – ‘telejornalismo’, ‘cinejornalismo’ – como ponto de partida para uma viagem pela história do jornalismo visual em Portugal, tendo como estudo de caso a RTP e como particular ancoragem (ao longo de 75 páginas) o Estado Novo. Já havia, aliás, vagueado por esse período da História de Portugal:

Salazar e os *media* são atores de uma peça encenada por homens que atuavam na sombra do regime e que não eram mentes brilhantes. Eram banais funcionários que nunca estudaram teoria política nem cultura visual. Mas conheciam os efeitos das imagens como ninguém (Godinho, 2017, p. 170).

Jacinto Godinho, o jornalista, avança com respostas. [O jornalismo e] o “mundo português escureceu em imagens” (2022, p. 131), sendo difícil aceitar que “aquele legado (...) das ‘Atualidades’ possa fazer parte da história do jornalismo português” (2022, p. 140). Quanto ao Estado Novo e à “propaganda no ecrã”, realce-se a fiel contextualização com que são trabalhados “grandes casos”, como o pacote Santa Maria, a Guerra Colonial, o assassinato de Humberto Delgado ou as crises académicas.

### **3. Informação não diária na RTP2 (1968-2010)**

Anabela de Sousa Lopes e Manuel Carvalho Coutinho, assumindo à partida que são “escassos os trabalhos académicos desenvolvidos especificamente sobre o segundo canal da RTP” (2022, p. 231) no que à informação diz respeito, propõem-se – no primeiro de dois capítulos que assinam – apresentar uma abordagem diacrónica sobre os programas de informação não diária, transmitidos em horário nobre (exceto noticiários). Os Anuários e Relatórios e Contas da RTP são as fontes de informação privilegiadas dos autores.

A história – e a identidade – do segundo canal da RTP é minuciosamente examinada, desde a própria designação (2.º Programa, Canal 2, TV2, 2, RTP2) aos objetivos da programação, ao propósito da criação do canal e às particularidades de liderança dos vários presidentes e diretores. “Os primeiros anos foram marcados por um percurso que podemos considerar errático” (2022, p. 236), sendo que, “durante a primeira década de vida, a programação do 2.º Programa serviu fundamentalmente para complementar o primeiro canal” (2022, p. 237). Quanto à área da informação, “a replicação marcou parte da sua existência, designadamente ao transmitir em simultâneo os noticiários da RTP1” (2022, p. 251). A mudança acontece a partir da segunda metade da década de 1980, com a entrada de programas de grande informação na RTP2, “nos quais a reportagem era central” (2022, p. 252).

A afirmação da identidade da RTP2 num dos “períodos mais desafiantes (...) marcado pela entrada dos canais de televisão privados no panorama audiovisual português” (2022, p. 257) a partir de 1992 é objeto de estudo (de novo, a partir de uma matriz cronológica) neste capítulo. A identidade “alternativa” do canal será um dos seus principais (o principal?) elementos diferenciadores da concorrência audiovisual no País, argumentam os autores. Concordando com a declaração, citemos: “podemos afirmar que o século XXI tem sido marcado pela manutenção dessa identidade alternativa da RTP2” (2022, p. 282).

#### **4. Infografia jornalística: das primeiras experiências à integração nas narrativas multimodais no século XXI**

Os dois derradeiros capítulos de *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história* abordam uma “nova linguagem visual do jornalismo saído das redações recém-informatizadas do século XX” (2022, p. 288): a infografia jornalística. Transmitir informação, explicar um acontecimento, contar uma história, “conjugando linguagem verbal e visual numa unidade única de leitura que, ainda que possa ser complementada pelo texto da notícia que a acompanha, não pode depender dele para ser compreendida” (2022, p. 288).

Assunção Gonçalves Duarte delimita a história da infografia impressa, tendo por primeira baliza temporal o século XII [“a história da infografia remonta ao tempo em que a ilustração começou a ser encarada como valorização da narrativa do texto escrito” (2022, p. 338)] e por última o ano de 2020, tempo de pandemia de COVID-19 [“a infografia voltou a ser convocada e reconhecida pelo jornalismo *online* como uma ferramenta de jornalismo cívico” (2022, p. 360)].

A investigadora, recorrendo a muitos e diversificados exemplos ilustrativos, “mostra a infografia como um dos mais recentes e mais versáteis géneros do jornalismo” (2022, p. 338). É dessa premissa que parte para o capítulo “Infografia digital: de formato emblemático do jornalismo *online* do início do século XXI à integração nas narrativas multimodais do jornalismo digital moderno”. O final deste capítulo (aliás, o texto que remata o livro) pode, em rigor, amplificar alguns dos problemas do jornalismo contemporâneo: o predomínio da cultura do entretenimento – com conteúdos cada vez mais visuais –, audiências desinteressadas e soterradas em solicitações digitais, a economia da atenção dos públicos. Particularizando a infografia, Assunção Gonçalves Duarte admite que, “para os profissionais que testemunharam a sua emergência, ela continua a ser até hoje um dos géneros mais interessantes de informação visual que emergiram do jornalismo *online* e que deixa definitivamente o seu legado nas novas narrativas digitais” (2022, p. 360).

#### **Conclusão**

Constituindo um importante contributo para compreender a história do Jornalismo em Portugal – em particular, da linguagem jornalística visual –, este livro confirma-se

simultaneamente como um exemplar documento histórico (profusamente ilustrado, refira-se) e um convite à introspeção e à reflexividade. A ideia de estudar o passado para melhor compreender o presente e pensar o futuro define este olhar panorâmico sobre a visualidade no jornalismo.

As quatro partes que delimitam a anatomia desta obra coletiva convidam a uma leitura livre, não linear: o leitor decide o seu próprio ‘destino de leitura’, circunscrito pelos nove capítulos, que – embora parte de um todo – se caracterizam pela singularidade.

---

## REFERÊNCIAS

- Berger, J. (1987). *Modos de ver*. Edições 70.
- Campos, R. & Meirinho, D. (2019). Literacia visual. In R. Espanha & T. Lapa (Org.), *Literacia dos novos media* (pp. 103-123). Editora Mundos Sociais.
- Freund, G. (1989). *Fotografia e sociedade*. Vega.
- Gil, I. C. (2011). *Literacia visual: Estudos sobre a inquietude das imagens*. Edições 70.
- Godinho, J. (2017). O «espetáculo do sigilo»: as imagens, a PIDE e o Tarrafal. In J. L. Garcia, T. Alves & Y. Léonard (Coord.), *Salazar, o Estado Novo e os media* (pp. 149-171). Edições 70.
- Ryan, J. (2014). Introdução. Fotografia colonial. In F. Vicente (Ed.), *O império da visão: Fotografia no contexto colonial português (1860-1960)* (pp. 31-44). Edições 70.
- Sontag, S. (1986). *Ensaio sobre fotografia*. Publicações Dom Quixote.
- Sousa Lopes, A., Duarte, A. G., Cardoso, F. L., Godinho, J., Coutinho, M. C. & Mata, M. J. (2022). *O jornalismo visual em Portugal – contributos para uma história*. Instituto Politécnico de Lisboa.